

4. Todos responsáveis

Neste breve capítulo conclusivo gostaria de pôr em destaque a responsabilidade que nos é pedida em favor da vitalidade evangélica e missionária das nossas paróquias. Gostaria de recordar, de forma sintética, sobretudo três figuras: em primeiro lugar, a da comunidade paroquial como tal; em segundo lugar, a do bispo e do presbitério; em terceiro lugar, aquela que o Espírito Santo torna possível, de mil formas, em cada cristão.

A responsabilidade da comunidade paroquial no seu conjunto

Detenho-me, antes de mais, sobre a comunidade paroquial como tal. O Código de Direito Canónico, no seu can. 515 § 1, recorda-nos que a paróquia não pode ser pensada como uma simples parcela de território delimitada por uma fronteira, mas deve ser entendida, sobretudo, como o conjunto das pessoas (*Communitas christifidelium*) que se reconhecem na memória cristã vivida e transmitida nesse lugar; o conjunto das pessoas que se identificam com esta memória, alimentando-se dela e transmitindo-a, por sua vez. Cada uma destas pessoas, considerada individualmente, é responsável pelo Evangelho e pela sua transmissão. Contudo, também deve ser tido em conta o rosto complexo que a comunidade apresenta de si própria, porque o testemunho do Evangelho também passa por aí, e com muita força. Todo o livro dos Actos dos Apóstolos é elucidativo a este respeito. Na paróquia também deve ser reconhecida, portanto, uma responsabilidade colegial em relação à fé e uma capacidade real para a transmitir.

Uma experiência exemplar de conversão talvez nos possa ajudar a compreender a importância do rosto que a comunidade paroquial apresenta, em ordem ao serviço a prestar à fé. Refiro-me a Agostinho e aos anos decisivos que ele viveu em Milão. Foi aqui que ele «viu» a Igreja e travou conhecimento com os traços fundamentais do seu rosto. Quem a tornou visível foram, de modo singular, várias pessoas, certamente muito importantes para ele. Mas também o foi a comunidade cristã no seu conjunto. Foi esse encontro que, por graça de Deus, o levou a «entrar» na Igreja. Escreve ele: «Eu via a Igreja habitada por fiéis: alguns entravam nela de uma forma, outros entravam nela de outra». Eram pessoas de todas as condições sociais, das mais simples às mais doutas. Aquela comunidade tornou mais fácil para Agostinho entender o que estava no seu centro. De facto, ela reunia-se com o bispo, à volta do Senhor Jesus Cristo. Dizia Ambrósio: «Em Cristo, tudo temos, e Cristo é tudo para nós». Também não lhe foi difícil entender onde residia a inspiração do caminho daquela comunidade. Ambrósio meditava as Sagradas Escrituras e pregava-as de forma constante e abundante: «É necessário triturar, transformando em farinha as palavras das Escrituras celestes, empenhando-nos com todo o ânimo e com todo o coração, para que a seiva do alimento espiritual se espalhe por todas as veias da alma». Aquele povo era animado a viver a sóbria embriaguez do Espírito: «Que Cristo seja nosso alimento/ nossa bebida seja a fé/ alegres bebamos a sóbria/ embriaguez do Espírito». Agostinho escutava, comovido, este povo que cantava. Admirava-o, sobretudo, porque ele também cantava nos dias mais difíceis. A embriaguez do Espírito tornava-se ambiente de alegria e de coragem na comunidade. Tornava-se também experiência de homens e mulheres que se consagravam totalmente a Deus. Foi este ambiente que fez da comunidade cristã de Milão um jardim fascinante para aqueles que ainda estavam inseguros em termos de fé. [...]



PARTILHAR

Boletim Inter-Paroquial | Ano XI | Número 36 | 02 a 08 de Agosto de 2010

ANO – C

DOMINGO XVIII TEMPO COMUM



«GUARDAI-VOS DE TODA A AVAREZA»

INTENÇÕES PARA A SEMANA

- Pelos aniversariantes da paróquia;
- Pelas famílias que rezam unidas;
- Pelos Movimentos de Apostolado;
- Pelas crianças baptizadas e seus pais;
- Pelos emigrantes e suas famílias;

Escutar a Palavra

Coélet 1,2; 2,21-23 |
Salmo 89 (90), 3-6.12-14.17 |
Colossenses 3, 1-5.9-11 |
Lucas 12, 13-21 |

Viver a Palavra

«... A vida de uma pessoa não depende da abundância dos seus bens»

Ninguém pode decidir no lugar de um outro. O próprio Jesus respeita a liberdade do homem, mas veio propor-lhe balizas para marcar o caminho sobre o qual tem escolhas a fazer. Põe-lo de sobreaviso em relação às riquezas materiais que podem paralisar ou cegar. De facto, aquele que tem as mãos crispadas sobre os seus bens está impedido de partilhar, de fazer um gesto para com aquele que tem necessidade. E depois, o seu horizonte está fechado por todas as suas riquezas que o impedem de ver o irmão, e de se ver a si próprio na luz de Deus. Quando nos deixamos olhar por Deus, permitimos-lhe olhar onde estão as nossas verdadeiras riquezas; a oração ajuda-nos, então, a reconhecê-las para as desenvolver.